

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

“SITUAÇÃO FINANCEIRA DO ESTADO E SITUAÇÃO ECONÓMICA DA NAÇÃO”

A conferência que o snr. engenheiro Perpetuo da Cruz realizou em Lisboa

Damos a seguir alguns tópicos de interessantíssima e oportuna conferência que o snr. engenheiro Perpetuo da Cruz realizou anteriormente em Lisboa na Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio e Industria—a que presidiu, como *O Primeiro de Janeiro* noticiou, o snr. general Roberto Baptista.

O conferente principiou por citar á máxima celebre gravada no frontão do templo de Delphos «Nosce te ipsum»—conhece-te a ti próprio. Desenvolveu esse tema, mostrando a necessidade que tem o país de olhar para si próprio, pois que essa visão oferece belos horizontes, brilhantes riquezas e belas perspectivas.

Neste exame de consciência, disse, deve guiar-nos o mais largo e generoso espirito de tolerância, para que a nossa razão se não queime no fogo crepitante das paixões no nosso julgamento e se não deforme ao sópro gelado da indiferença e do pessimismo.

Afirmou que o mal não reside latente na alma dos homens, mas é pura consequência das relações sociais. No campo económico e financeiro, as firmas mais honestas podem vêr-se na contingência, por falta de mercados, por insolvência dos devedores, ou por excessivos encargos fiscaes, á falência ou á ruína.

E, pois, necessária a maior benevolência e a maior generosidade no juizo a formar sobre as pobres victimas dos desvarios colectivos,

E' em nome da justiça devida a todas essas victimas que o conferente se ergue para mostrar onde reside a causa do mal.

* * *

Após estas considerações gerais, entrou o conferente no estudo da situação financeira do Estado.

Devia o Estado á Caixa em 30 de Junho de 1929, a elevada soma de quinhentos e noventa mil trezentos e onze contos.

Em 31 de Agosto do mesmo ano, apparece a dívida reduzida a 285.000\$000. Como foi paga a diferença? Com titulos de empréstimo de 6,5 % ouro.

Baixou a dívida flutuante, mas subiu a dívida fundada. As disponibilidades de dinheiro na praça não acompanham, porém, a emissão dos titulos e sim esta consolidação extemporânea da dívida flutuante prejudica o Estado e desvalorisa o capital nacional.

A dívida flutuante total, interna e externa, que era de 1330.357 contos, em 31 de Dezembro de 1925, elevou-se a 2.140.692 contos em 31 de Dezembro de 1928, acusando um aumento, em 3 anos, de 809.758 contos. A dívida fundada, interna e externa, num valor de 7.573.510 contos, em 30 de Junho de 1926, tinha já, em 30 de Junho de 1927, um valor de 8.176.693 contos, tendo sofrido um aumento de 603.182 contos.

Assim se consumiram lucros e

economias. Falta consumir o capital.

Descreveu o conferente a dança macabra dos papeis de crédito que vai iniciari-se, referindo-se, em especial, ao empréstimo 6,5 % ouro, ás obrigações-ouro da Caixa Nacional de Crédito e ao empréstimo externo em perspectiva.

* * *

Na análise dos orçamentos, citou o conferente os numeros seguintes: 1925-27, déficit 637.000 contos; 1927-1928, despesas previstas, acrescidas de créditos suplementares, 2.224.000 contos; despesas pagas nessa gerencia, 1.538.000 contos; diferença, 686.000 contos.

Pagou-se, em 1928-29, por conta de 1927-1928, 317.000 contos; déficit, 369.000.

1928-29, despesas pagas, 1.463.000 contos; despesas previstas, compreendendo créditos suplementares, 1.953.000 contos; despesas a pagar, 490.000 contos.

Para fazer face a estes pagamentos, dispõe o Estado de um saldo de gerencia de 285.000 contos.

A diferença 490.000—285.000=205.000 contos, é um déficit real da gerencia.

Receitas cobradas: relativas ao ano de 1923-29, 1.721.000 contos; relativas aos anos anteriores, 631.000 contos; soma, 2.334.000 contos.

Mas se a despesa prevista foi de 1.953.000 contos, e a receita cobrada de 1.721.000 contos, ha, na realidade, um déficit, no ano de 1923-29, de 237.000 contos.

Porque é que nos apparece um saldo de gerencia?

Simplemente porque se transferiu para a gerencia de 1929-30 o que deveria ser pago na de 1923-29.

Em resumo: Ano económico de 1925-27, déficit 637.000 contos; 1927-28, déficit 369.000 contos; 1928-29, déficit 237.000 contos; soma dos déficits de tres anos, 1.292.000 contos.

O conferente, expostos estes numeros, diz:

«Afirmo-se no relatório da gerencia de 1923-29 que 10 % da despesa prevista «não será» efectuada. Tratando-se, porém, de uma gerencia passada, porque é que se diz «não será» em vez de dizer «não foi»? Se realmente essa fracção de despesas, no valor de 195 mil contos, se não effectuou, teremos uma importância a menos a pagar com o saldo de 247 mil contos.

O déficit de 237 mil contos fica então reduzido a 237 mil contos, menos 195 contos, igual a 42 mil contos.

«Mas como é que estes 195 mil contos se introduziram na previsão orçamental, por se julgarem necessários, e agora se dispensam?»

«Pela mesma razão por que se disse, em relação ao orçamento

de 1927-28, que «virão a ser» anulados nos creditos autorizados cerca de 239.000 contos. Outra vez nos apparece o «virão a ser» em lugar de «foram» sempre o futuro a substituir o preterito!

«Não lhes parece curiosa e estranha esta inversão dos tempos dos verbos?»

«Então são os creditos abertos em 1927-28 e 1928-29 que virão a ser anulados, não se sabe quando? Ou foram ou não foram anulados. Se o não foram, as despesas fizeram-se e tem de ser pagas; e se o foram porque é que se diz «virão a ser» e não se diz claramente «foram»?»

«Esta linguagem ambigua faz-nos supôr que as despesas se fizeram efectivamente e que se não pagaram, nem se conferiram. Até afirmação perentoria e documentada em contrario teremos pois que reconhecer a existencia em 1928-29 de um déficit de 237 mil contos em lugar de um saldo de 247 mil contos.

«A existencia deste déficit em vez de saldos explica as dividas do Estado, em atrazo a funcionários e fornecedores e necessidade de empréstimos para portos de mar.

«Até aqui pagavam-se déficits orçamentais com empréstimos flutuantes, agora pretendem pagar-se com empréstimos consolidados.

«Os déficits, porém, não foram extintos, mantem-se. Eis a situação financeira do Estado no departamento orçamental e da divida publica.

* * *

O snr. engenheiro Perpetuo da Cruz occupou-se a seguir do Banco Emissor, dizendo:

«No departamento do Banco Emissor vemos: Titulos em caução, valor nominal, 4.336.763 contos; valor efectivo, 1.213.295 contos; débitos do Tesouro, 1.450.000 contos; divida a descoberto, 236.705 contos; sob a rubrica conversão de 21 de Dezembro de 1922; divida ao Banco, 300.014 contos; cambiais em reserva, 208.924 contos; divida a descoberto, 91.090 contos.

«E pensa-se, destas condições, em estabilidade legal da moeda.

Parece estar realiado o empréstimo interno de 100.000 contos, já previsto no orçamento de 1929-30, através das palavras seguintes: «Excede já este orçamento 2.000.000 de contos, na receita e na despesa e devemos crer que atingido uma vez um tal montante, «não mais ée baixará» ás modestas proporções de antigamente. Se exceptuarmos os 100.000 contos, destinados á construção de portos, «por força de um empréstimo a emitir» os mesmos baixam a limites que são pouco superiores aos do ano económico que finda agora».

Aqui se encontra a «consolidadora» promessa de que o montante orçamental não mais baixará.

Referiu-se o conferente, em seguida, a um empréstimo externo, possivelmente projectado, mostrou os graves inconvenientes que encontra em tal operação.

Terminou o conferente por um rápido exame dos nossos imensos recursos e da possibilidade do seu económico aproveitamento e disse que se o presente é sombrio, o futuro pode ser luminoso.

Descreveu as nossas possibili-

Sociedade Histórica da Independencia de Portugal

Da Delegação de Guimarães desta patriótica Sociedade, publicamos um officio recebido com o qual concordamos em absoluto:

... Snr. Director de «A Velha Guarda»

A Direcção da «Sociedade Histórica da Independencia de Portugal» pede a V. Ex.ª a finéza de mandar publicar possivelmente na 1.ª página do seu jornal a seguinte noticia:

—A Sociedade Histórica da Independencia de Portugal por intermédio da sua Direcção repele em absoluto as ideias que os homens publicos espanhols patentearam fazendo a defésa da União Ibérica, saudando simultaneamente a imprensa portuguesa e as colectividades que mostraram a sua repulsa por tal acto.—

Agradecendo antecipadamente a publicação, com a maior consideração apresenta respeitosos cumprimentos

O Presidente da Delegação,
Antonio Vieira d'Andrade.

Aos nossos presados assinantes

Cobrança

Tendo terminado com o número 264 o semestre de publicação do nosso jornal, comunicamos aos nossos presados assinantes que vamos proceder á cobrança desses numeros, e que esperamos nos auxiliem nesta cruzada de propaganda e de defésa da República.

Garantimos as enormes despesas que actualmente nos pesam e, por isso, todo o auxilio é necessário para a regular publicação deste semanário.

Agradece a

A Administração.

dades de energias hidro-electricas, de matérias primas e de largo desenvolvimento industrial.

Fez a conferência com estas palavras: «Como seria fácil criar um Portugal melhor!»

O snr. engenheiro Perpetuo da Cruz, que, durante a sua conferência, foi repetidas vezes interrompido com aplausos, recebeu, ao terminar, uma calorosa salva de palmas.

De «O Primeiro de Janeiro» de 14—3—930.

LEALMENTE

O «Comércio de Guimarães» não gostou do desmentido que demos á noticia falsa, de que se fez éco, de ter sido negado provimento ao recurso que o antigo Presidente da República, Snr. Dr. Bernardino Machado, levou contra a multa de 200 contos que pelo governo lhe fora aplicada.

Com toda a lealdade, devemos declarar que o tom secco em que redigimos esse desmentido nada tinha com o «Comércio de Guimarães», embora não possamos levar a bem a maneira pressurosa como esse nosso colega acolhe mentiras nas suas colunas desde que possam desagradar aos republicanos, fingindo esquecer-se de que tão mentiroso é quem inventa, assumindo a responsabilidade da mentira, como quem reproduz, cobrindo-se com a responsabilidade alheia.

A prova de que não tivemos a intenção de ferir o «Comércio de Guimarães» é que nem a esse colega nos referiamos na primeira noticia que redigimos sobre o assunto e que, por motivos estranhos á nossa vontade, não foi publicada.

Estatística

Do Ministério das Finanças, pela Direcção Geral de Estatística, foram enviados aos administradores dos concelhos officios do teor seguinte e que publicamos para conhecimento dos interessados:

«Tornando-se necessário dar pleno cumprimento ás disposições do decreto n.º 16.927, de 1 de Junho de 1929, rogo a V. Ex.ª a sua valiosa cooperação no sentido de tornar bem conhecidas, nessa localidade, as que nos termos dos seus artigos 5.º e 6.º e seus parágrafos obrigam todas as sociedades existentes no continente e ilhas (não excluindo mesmo as irregularmente constituídas), a remeterem á Direcção Geral de Estatística os «Verbetes» de Sociedade», devidamente preenchidos, com incluídos respectivos balanços, referidos a 31 de dezembro de 1929, como determina o artigo n.º 137.º da parte VIII (Disposições Gerais) do decreto n.º 16.731 (Reforma Tributaria) de 13 de abril de 1929.

Os impressos dos «Verbetes de Sociedade» serão postos á venda, em todas as Tesourarias da Fazenda Pública, durante o próximo mês de março, devendo ser entregues na Direcção Geral de Estatística, de 1 a 15 de abril do corrente ano.»

Na Socied. M. Sarmiento

Festa solene para a distribuição de prémios às crianças das escolas primárias officiais do concelho.

No passado dia 9, como estava anunciado, realizou a Ex.^{ma} Direcção desta benemérita Sociedade a comemoração do «9 de Março» com a interessante festa dedicada às crianças das escolas públicas do concelho.

Pelas 14 horas foi constituída a mesa sob a presidência do Ex.^{mo} Vice-presidente da Comissão Administrativa—Sr. Coronel Amaral, que se fez secretariar pelo meretíssimo Juiz da Comarca e digníssimo Inspector Chefe da Região Escolar de Braga.

Em lugares de honra: administrador do concelho, reitor do liceu, comandante da Guarda Nacional Republicana.

Muita concorrência de professores e alunos e numerosa assistência de respeitabilidade que imprimia ao acto grande brilhantismo.

Ao lado da mesa o Ex.^{mo} Sr. Dr. Pires de Lima, distinto professor de medicina no Porto.

Aberta a sessão usou em primeiro lugar da palavra o illustre Presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo de Almeida que leu um discurso inteligentemente elaborado, sócioamente orientado e pleno de verdade e propriedade, evocando a memória do mavioso poeta e insigne pedagogo João de Deus e consagrando a obra meritória do patrono da Sociedade.

Segue-se-lhe no uso da palavra o Ex.^{mo} Presidente da mesa, lendo um discurso relatorio da acção da Comissão Administrativa em assuntos de instrução, mostrando-se sua excelência muito esperanças em que num curto prazo serão construídas, reparadas e dotadas de material didactico e mobiliário muitas escolas.

O terceiro a usar da palavra foi o Ex.^{mo} Sr. Inspector Chefe que enalteceu num brilhante discurso a obra da Sociedade e da Cantina Escolar Vimaranesense, Solidária e Concelho de Assistência Escolar.

Foram todos jastamente felicitados com palmas da assistência. Levanta-se o Sr. Professor Godinho para ler tambem o seu notavel discurso.

Sobre o estrado—pisado por insignes mestres da palavra e privilegiados oradores—muito comovido e trémulo solta a saudação da paz e confessa a sua grande surpresa ao saber-se distinguido entre os seus colegas.

A propósito de não sabermos bem o que—o reporter estava mal instalado—pretendeu bordar sublimes considerações e si-lo a subir, a subir—a alma desprendendo-se-lhe da matéria carnuda e voando tanto, que tivemos a impressão de que nunca mais voltaria. Foi muito felicitado.

Vem a seguir a palavra do Ex.^{mo} Sr. Dr. Pires de Lima, que falou durante 35 minutos.

Uma conferência cheia de números, de confrontos, paralelos e contrastes.

Sua ex.^a seria muito mais feliz em trabalho de tanta responsabilidade se a demografia ajuntasse a mesologia para firmar irreputavelmente algumas das conclusões que declinou á assistência directamente interessada no magno problema.

Quer nos parecer que depois do pai de sua excelência, que nos afirmam ter sido um excelente professor, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Pires de Lima não conheceu mais o professor primário português.

Bem diz o grande mestre Agostinho de Campos: em Portugal ou 8 ou 80.

Recebeu palmas. Seguiu-se a distribuição dos prémios a numerosas crianças, sendo

Despedida

Com sua Ex.^{ma} Esposa embarca no próximo dia 2 de Abril para a Africa, Angola, o nosso querido amigo e presado correligionário, Mário da Silva Novais Santos, 2.^o official de Fazenda.

Não podendo despedir-se pessoalmente de todos os amigos, pede desculpa de o fazer por este meio, na certeza de que a todos sem excepção leva no coração, com infanda saudade.

«A Velha Guarda», que o tem como amigo e prestimoso correligionário, saúda-o e a sua Ex.^{ma} Esposa efusivamente, desejando-lhes as maiores felicidades e venturas.

E' que o Mário Santos é daqueles que sabe ser amigo; é dos poucos que, nas horas amargas do infortúnio, sabe partilhar das nossas amarguras e dissabores, é amigo puro, sincero, leal e dedicado.

Contigo, querido amigo, vão os nossos melhores desejos da tua felicidade, enquanto que vamos curtindo as saudades da tua prolongada ausencia.

Um grande e saudoso abraço te enviam os amigos e redacção da «Velha Guarda».

«Vida de Sombras»

de Eduardo de Almeida

Do nosso querido amigo e velho republicano, sr. Dr. Eduardo de Almeida, recebemos o seu livro de novelas «Vida de Sombras» que confessamos ser uma obra de relevo e, que merece uma critica serena e justa.

Ninguém desconhece que o sr. Dr. Eduardo de Almeida é um incontestável valor literário da terra portuguesa e que as suas obras veem ocupando um ponto culminante no plano dos primeiros escritores, já pelo que encerram de ineditismo, já pelo sabor tipico, verdadeiramente regional.

Vendedores ambulantes

Os vendedores ambulantes, de Guimarães, em seu nome e dos seus colegas, no districto de Braga, enviaram há dias para Lisboa o seguinte telegrama:

«Excelentissimo Presidente Ministros, Ministro do Interior e Ministro das Finanças—Lisboa.

Vendedores ambulantes colectados neste districto, aproximadamente seiscentos pedem licença Vossas Excelencias lavrarem seu protesto contra representação commerciantes do país bem assim elevados impostos municipais porquanto sessenta annos exercem este commercio pagando contribuições ao Estado e Camaras não vendo por isso motivo imperioso para que seja apreçadas mercadorias quando expostas á venda pois são Portuguezes tendo direito á vida e bem assim porque á sombra deste limitado commercio vivem milhares de pessoas.

Por si e seus colegas

(a) Eduardo Pastor».

entregue primeiramente o prémio—Simão Costa—ao senhor professor Godinho, que foi o que, regendo escola de 4.^a classe, e um só professor apresentou maior numero de alunos a exame de 4.^a classe.

Abrilhou o acto a banda dos B. Voluntários de Guimarães. Agradecemos a gentileza do comitê.

Horário de Trabalho

Pelas Direcções das Associações Operárias de Guimarães, foram enviados os seguintes officios, de harmonia com o que foi resolvido na reunião que as mesmas tiveram.

«Ex.^{mo} Sr. Presidente do Conselho de Ministros Lisboa—Ex.^{mo} Sr. As Associações Operárias desta cidade, abaixo assinadas, reunidas expressamente para apreciar as vantagens ou desvantagens da lei que estabelece o dia máximo de 8 horas de trabalho, depois de várias considerações, resolveram por unanimidade endereçar a V. Ex.^a a seguinte petição:

Que seja mantida integralmente, rigorosamente, a lei das 8 horas de trabalho diário máximo no commercio e na industria, conforme o decreto n.º 5.516. Embora a V. Ex.^a sejam feitos pedidos tendentes revogação ou alteração da lei a que nos referimos, dirigimos pelos membros do commercio e da industria, devemos, com o maior respeito, lembrar a V. Ex.^a que a maior crise que actualmente asserberba a vida social de todos os Povos do Mundo, é a da falta de trabalho; e essa crise, como o esclarecido espirito de V. Ex.^a facilmente o reconhecerá, aumentaria com a ampliação das 8 horas de trabalho.

Crentes de que V. Ex.^a atenderá a petição que fazemos, com o maior respeito expressamos a V. Ex.^a os nossos desejos de Saúde e Fraternidade. Guimarães, 10 de Março de 1930.»

«Ex.^{mo} Sr. Ministro das Finanças Lisboa—Ex.^{mo} Sr. As Associações Operárias de Guimarães, abaixo assinadas, reunidas expressamente para a apreciação da lei que estabelece o dia máximo de 8 horas de trabalho, resolveram por unanimidade dirigir a V. Ex.^a a petição de que seja mantida e rigorosamente cumprida a referida lei, que é a que convem ao operariado e sem prejuizo para os commerciantes e industriais. Convictos de que V. Ex.^a se empenhará pelo cumprimento da lei a que nos referimos, expressamos a V. Ex.^a, com o maior respeito, os nossos desejos de Saúde e Fraternidade. Guimarães, 10 de Março de 1930.»

«Ex.^{mo} Sr. Presidente da Comissão Revisora do Horário de Trabalho—Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Geral Lisboa—Ex.^{mo} Sr. As Associações Operárias de Guimarães, abaixo assinadas, reunidas expressamente para apreciar a lei que estabelece o dia máximo de 8 horas de trabalho, resolveram por unanimidade pedir a V. Ex.^a e Ex.^{mas} Colegas que se esforcem por que seja mantida integral e insuflavelmente a lei que estabelece as 8 horas de trabalho diário tanto no commercio como na industria. Creates de que V. Ex.^a se empenhará por uma causa tão justa e humanitária, enviamos com o maior respeito os nossos cumprimentos de Saúde e Fraternidade. Guimarães, 10 de Março de 1930.»

Todos estes officios levaram as assinaturas dos presidentes de 12 Associações.

Transcrições

O nosso colega «A Renascença», de Torres Vedras, transcreveu o artigo do nosso colaborador, correligionário e amigo Albano Cruz, «Mãos á obra», que muito reconhecidos agradecemos.

O caso do Asilo dos Invalidos de S. Paio

Aqui há já duas semanas, o Sr. Cónego Vasconcelos, de visita a este estabelecimento de caridade, do qual faz parte da meza, e com aquêl ar alegre e presentivo do que nos fala Guerra Junqueiro na «Velhice do Padre Eterno», quando nos descrevem a alegria que já na alma do velho padre cura ao idialisar a petisqueira que a sua Fortunata ia fazer cosinhando os seis melrinhos que ele tinha encontrado num ninho entre uma carvalheira, e que aliás lhe é peculiar; voltou-se para os pobres asilados e a um tom de voz forte e sonora, proferiu palavras que lhes causaram calafrios, pois julgavam poder acabar o resto dos seus dias debaixo d'aquelas telhas.

—Meus caros, vou fazer uma monda...!

O mais velhote, José do Couto, de 77 anos de idade, todo trémulo por causa d'aquella ameaça aterradora, muito a medo sim, mas sempre se aventurou a dizer, que naturalmente ele não podia ser abrangido por aquella decisão do Sr. Cónego, pois quem se tinha interessado por ele, para estar ali, tinha sido o Sr. Padre Pinheiro.

E aquêl que pertence á classe, que protesta por todos os cantos do país, que é necessário moralisar a sociedade, ensinando-lhe a santa religião católica, tratar dos doentes e inválidos, não tem a menor rebutância, de proferir a sentença, que lhe foi fatal para aquêl pobre velho.

—Pois você, vai e vai já!...

E o pobre velho, cumpriu a determinação do Sr. Cónego, saiu do Asilo, e lá seguiu por essas ruas, sem saber ao certo para onde devia ir.

A commoção sofrida foi tão grande, e a sua idade era já tão avançada, que o seu organismo enfraquecido, não resistiu ao abalo sofrido. Não podemos afirmar se assim foi, mas somente registar que passadas 48 horas, o homem morreu.

Pobre José Couto, victima da influencia reaccionária do nosso meio, não tiveram duvidas nenhuma, talvez em nome dos seus princípios da Democracia Cristã, atirar com o teu corpo para a Vala comum!

«A mais grave doença do nosso tempo é a cobardia; não há a coragem precisa para cada um alvora a sua bandeira, assumir a responsabilidade do que julga ser verdadeiro, harmonizar os actos com as convicções».

MAX NORDAN.

Luiza de Jesus Leite

Após dolorosos sofrimentos, que a medicina não pôde debelar, faleceu no dia 3 do corrente a Sr.^a Luiza de Jesus Leite, esposa do nosso correligionário e amigo Joaquim Gomes Fontão, que deixou uma menina de tenra idade. O funeral a cargo dos armadores snrs. Eugénio & Novais e dirigido pelo tambem nosso correligionário e amigo, tio da falecida, Sr. Alberto Machado, realizou-se pelas 11 horas do dia 9, saindo o prestito da casa da sua residência á rua Avelino Germano para o cemitério desta cidade, acompanhado de muitos amigos do pai e do marido da falecida.

Foram organizados diversos turnos e o caixão estava coberto de corças, gerbes e bouquets, que tinham sentidas dedicatórias. A familia em luto os nossos pesames.

Ainda o Aniversário de «A Velha Guarda»

A proposito do nosso aniversário, recebemos mais a seguinte saudação, que muito reconhecidos agradecemos. De o «Eco de Cabeceiras», Cabeceiras de Basto:

«A VELHA GUARDA»

Este nosso prezado colega de Guimarães entrou no 6.^o ano de publicação efectiva. Jornal de combate, a sua vida tem sido de indefectivel dedicação pela causa republicana, revelando-se sempre um intemerato defensor dos principios democraticos.

Orgão do Partido Republicano Português no concelho de Guimarães, mantém entre a imprensa do nosso glorioso Partido um lugar de destaque, mercê do seu esclarecido critério e da sua nunca desmentida lealdade ao programa da velha e gloriosa falange democratica.

Por isso, apresentando-lhe as nossas vibrantes saudações pelo seu aniversário, congratulamo-nos com o nosso brilhante colega pela faustosa data, desejando-lhe inumeras felicidades e triumphos na estrada ampla que se propoz trilhar.

O nosso presado colega de Lisboa «O Destino» tambem se referiu gentilmente á passagem do nosso aniversário, duma maneira cordealissima.

Agradecemos muito penhorados e retribuimos os votos de longa vida e muitas prosperidades.

Dr. Horácio Cunha

A fim de tratar da organização duma página regional sobre Guimarães, acompanhado por um seu colega, esteve nesta cidade o sr. Dr. Horácio Cunha, da Redacção de «Republica», semanário republicano da cidade do Porto e que brilhantemente tem sabido pugnar pelos problemas que á Provincia interessam, além da intensa propaganda republicana que vem difundindo.

Apresentou cumprimentos na nossa redacção.

Caspar L. Mateus

Partiu para terras de Santa Cruz este nosso correligionário e amigo, que ali vai tratar dos seus negócios.

Desejamos-lhe uma viagem feliz e muitas prosperidades nos seus negócios.

Socied. M. Sarmiento

Estando actualmente a proceder-se ao inventário e verificação da Biblioteca desta Sociedade, trabalho tão cansativo quanto útil e necessário, a Direcção pede aos Ex.^{mos} Sócios o obsequio de, para o bom proseguimento deste intento e assim torna-lo o mais perfeito e completo possível, devolver a esta casa as Obras que, porventura, tenham em seu poder, logo que expire o prazo concedido pelo respectivo regulamento.

A Direcção.

ALUGA-SE

Um bom prédio no Campo do Salvador, grande e bem dividido.

Para informações falar a José André.